

O GRAVE PROBLEMA DA HABITAÇÃO

Desde a fundação de *A Batalha* que vimos agitando nas nossas colunas um problema importantíssimo perante a indefinição dos políticos — a habitação. Durante meses seguidos sustentámos campanhas entusiásticas, citámos exemplos do estrangeiro, entrevistámos autoridades no assunto, publicámos gravuras das misérias de cá e fotografias de construções modelares dos países mais adiantados em civilização. E os políticos a quem está entregue a sorte do povo português — dormiam, ou melhor, tratavam da sua vidinha particular.

O problema da habitação encontra-se hoje mais agravado do que nunca. O povo não tem onde morar. As casas, as poucas casas que existem, estão fora do alcance da sua magra bolsa; outras estão caindo aos pedaços.

Os desmoronamentos que todos os anos alarmam a população não foram lição suficiente para ensinar os poderes públicos a olhar com mais atenção o problema da moradia popular.

São inúmeras as famílias que nos subúrbios da capital vivem em barracas miseráveis que um sopro de vento mais forte pode levar e fazer em estilhaços. E os políticos não pensam nessas ninharias.

Não se pensou ainda na construção de habitações baratas que dessem de preferência abrigo seguro a essas pessoas que vivem aninhadas em casas de lata como animais num curral. Permite-se que, em pleno século XX, o homem — só porque não tem meios — leve uma existência miserável de animal inferior aconchado em casinhotos lúgubres, onde não há um arremedo de conforto, nem uma nota de alegria.

As poucas iniciativas particulares que surgiram no propósito de construir habitações baratas e abundantes encontraram da parte dos governos, senão a animadversão, pelo menos aquela burocrática e passiva resistência que tudo ensarilha e tudo adia para um dia longínquo — o que cria o desânimo e a desistência.

O inverno, este ano, anuncia-se já tempestuoso e cruel para os que não têm lar. As primeiras chuvas já estão causando as primeiras vítimas desta quadra ingrata.

Que pensa o governo a este respeito? Nada, como de costume. Mais desmoronamentos irão talvez alarmar a cidade, vitimando sabe-se lá quem. Mas as construções populares e baratas não aparecem.

O povo não conta, como seguro, para seu abrigo, nestas noites frias de inverno, senão com o céu nublado e negro e a terra encharcada para repouso do corpo.

Na "Voz do Operário" foram atendidas algumas reclamações dos sócios auxiliares

Voltou a reunir a assembleia geral da Sociedade A Voz do Operário. Os assuntos a tratar eram importantes. Nesta assembleia foram atendidas várias reclamações justas, o que contribuiu para amenizar o conflito há longa data existente entre os sócios auxiliares e efectivos daquela colectividade. A assembleia aprovou que sejam considerados sócios efectivos os que foram sócios auxiliares durante 15 anos.

Resolveu-se ainda que os operários da Companhia dos Tabacos demitidos por ocasião da sua última greve seja dada a categoria de sócios que tinham anteriormente.

A pesar de algumas omissões mal intencionadas tentaram opor-se ao justiciero critério da assembleia, esta soube galhardamente resolver a bem das justas reclamações formuladas. Um conhecido sr. Samuel apareceu lá com uma longa oração que soou rouca perante a assembleia, mas cuja doutrina venenosa foi altivamente repudiada.

Foi considerada de utilidade pública a Sociedade de Instrução e Beneficência "Voz do Operário", podendo gozar todos os benefícios da legislação em vigor, muito especialmente os da lei 1.782, de 5 de Fevereiro do corrente ano.

Uma saudação à "Batalha"

Os intérpretes portugueses reunidos pela primeira vez em assembleia geral para assentar na organização da sua Associação de Classe, saudam *A Batalha* como porta-voz do operariado português, defensor energico das suas justas e humanas reivindicações, e bem assim todo o movimento operário, baluarte sólido de defesa das vítimas do capitalismo.

Outrossim declaram integrar-se no movimento operário, por intermédio da Federação Marítima, com a qual vão estabelecer relações.

A RENOVACÃO VENDE-SE EM TODAS AS TABACARIAS

A evolução histórica da seriedade é contrária à destruição das energias proletárias e aos métodos políticos herdados da classe burguesa

Vamos responder ao artigo de fundo de *A Internacional* sobre «Os resultados das eleições». Desiludam-se, porém, aqueles que adoram os insultos e os confundem com os princípios. Não vamos despedir flechas envenenadas para ninguém, nem oferecermos um motivo para polémicas em que o azedume e o despeito podiam ser os únicos ou os principais materiais empregados. A nossa intenção é bem mais nobre e obedece ao utilíssimo fim de opor razões sólidas para com serena elevação combatermos um desvariamiento que se apoderou de muitas cabeças que se supunham sólidas e de muitas consciências que se presumiam duma coerência e duma clareza que nelas estava bem longe de existirem. São os nossos métodos e as nossas ideias que vão responder a desvios perigosos e antagónicos aos princípios socialistas revolucionários e aos interesses dos trabalhadores, como classe expoliada e tiranizada.

Estabelece-se a diferença entre duas concepções antagónicas

O sindicalismo revolucionário e a democracia são antagónicos. Após a revolução francesa que foi a que maior influência exerceu nos tempos modernos, instituiu-se o princípio da soberania popular que substituiu, derrubando-o, o princípio monárquico absolutista e feudal. A soberania popular foi um progresso e como tal saudada pelos espíritos mais progressivos e revolucionários da sua época. Marcou uma etapa e uma etapa gloriosa na sua marcha ascendente para a liberdade.

Com a queda da monarquia o servo evoluiu e transformou-se no cidadão. Esse antigo escravo encheu-se de legítimo orgulho e acentuou as mais belas ilusões que, algumas dezenas de anos volvidos, após a romântica revolução de 1848, sob a república lírica do lacrimante Lamartine e do utopista Luís Blanc, haviam de sofrer um desmentido cruel e sangrento.

O massacre dos operários que tinham oferecido alguns meses da sua fome à consolidação dum república teoricamente lúbrica e mística, feriu profundamente a crença no Estado, a confiança depositada nos representantes do povo e deu origem à luta de classes como um fenómeno social sistemático e permanente. Era a burguesia que solidificava a sua força e se apoderava da sociedade, conquistando as liberdades que eram necessárias à sua expansão: a liberdade industrial, a liberdade comercial que redundaram no seu predomínio social.

A democracia, fórmula política da sociedade burguesa

A burguesia conseguiu, apoderando-se do trabalho e escravizando o trabalhador sob

o jugo do salariato, apoderar-se do Estado para impor o seu domínio e servir-se do princípio da soberania popular para tornar inofensivas a indignação e a revolta dos oprimidos. A democracia tornou-se a fórmula política da sociedade burguesa. Nem era de estranhar que assim fosse pois desde o advento da revolução francesa os humildes nunca obtiveram como resposta às suas modestas aspirações senão recusas insolentes e violências inauditas.

Os utopistas da democracia que eram sinceros e empíricos e incorrigíveis eram incapazes de se adaptar às realidades desde que o seu reconhecimento implicasse a destruição do seu sonho.

Em vez de aceitarem a luta de classes que surgiu e se impunha como uma inofensível realidade e uma consequência directa e fatal da exploração burguesa, procuraram enternecer os patrões, enlaçando a romança do operário humilde mas honrado, fazendo sobre o trabalho considerações poéticas e pedindo ao bom coração dos exploradores uma exploração menos dura para os seus explorados. O socialismo confinava-se, a-pesar do mérito dos seus defensores, numa espécie de vagidos sentimentais que não ecoaram na alma colectiva e endurecida da burguesia capitalista.

A soberania popular estava ferida mortalmente e o povo soberano constatasta que nem os parlamentos, nem os representantes que em boa quantidade elegera conseguiram modificar a sua situação e libertá-lo duma tutela excessivamente iníqua e opressiva.

A luta de classes é oposta aos partidos políticos

Só através dum fanatismo estreito se pode atribuir a Karl Marx a paternidade da luta de classes. Seria o mesmo que afirmar que, em toda uma época, só um homem tinha aparecido com os olhos abertos e a inteligência lúcida. O resto era um aglomerado de cegos e de loucos.

Enquanto os discípulos e os continuadores de Marx procuravam transformar o socialismo utópico num socialismo científico e este num dogma que sem discussão devia ser aceite, vozes se erguiam a clamar contra os que se obstinavam em revigorar erros antigos e queriam fazer girar a luta de classes em terreno de reformismos perniciosos e de interesses políticos e sectários. A pesar das estrondosas vitórias numéricas atingidas pelos partidos socialistas e da enfática terminologia revolucionária em que se disimulavam os objectivos reformistas, a concepção parlamentar era rudemente escalpelizada.

O cidadão evoluiu e transformara-se no proletário. Ao proletário que vota sucedera o proletário que luta. Com o sindicalismo revolucionário a luta de classes atingia sua plenitude. Os enamorados de abstrações

foram postos de parte, e os políticos rolaram no descrédito.

Dum lado a burguesia, com a sua exploração comercial e industrial baseada na lei do salariato e, por meio dela, colocava o operariado na sua dependência económica, usando do Estado e dos seus meios coercivos; as leis, os tribunais, os governos, os exércitos e as corporações policiais, assegurava politicamente, socialmente se assim o queressem, no campo político o poderio que possuía no campo económico.

Do outro lado o operariado com uma visão segura do mundo moderno organizava-se nos seus sindicatos sob uma base profissional ou industrial e recusava-se a aceitar a luta no terreno legal, sabendo por dolorosa experiência que com a burguesia só se luta usando de processos, de métodos ou de instituições burguesas quando se aspira à derrota. E ninguém de bom senso e de boa fé, seja um indivíduo seja uma classe, luta, tendo por objectivo dar a vitória ao inimigo.

A acção parlamentar e a acção directa — O eleitor e o grevista

A greve é um princípio de revolta que jamais uma lei burguesa sancionará. Com ela desaparece a concepção política dos doutrinários de costela acentuada ou atenuada de democrático social ou de radicalismo republicano. Ao eleitor que confia os seus destinos nos indivíduos em quem delega, sucede o grevista, isto é, o revoltado que, fora das leis e contra elas, luta contra a classe burguesa destruindo-lhe o prestígio das suas instituições e abalando-a rudemente nos alicerces em que assenta a sociedade, que só nos seus privilégios encontra a sua justificação.

O Sindicalismo revolucionário, ao romper com as instituições burguesas, adoptou, para orientar a sua acção, que é em Portugal a acção do proletariado agrupado na C. G. T., teses perfeitamente opostas às dos políticos por mais extremistas que se afirmem. O parlamentarismo apodrecceu mas a sua podridão não contaminou a classe operária porque esta abandonou o direito do voto, negando-se a colaborar numa ilusão destinada a perpetuar o predomínio do capitalismo.

O grevista não pode ser o eleitor, pois um é oposto ao outro. O eleitor abdica da sua acção, da sua inteligência, da sua energia, da sua iniciativa em proveito dos que se inculcam, com boas ou más intenções, seus defensores e seus libertadores. Não luta, vota.

Admitamos, porém, que a pesar de votar ainda luta. Mas quando isso se dá os objectivos da luta em vez de serem determinados pela luta de classes passam a ser condicionados pelas rivalidades políticas. O grevista não vota, luta. E sabendo que da sua força, unicamente da sua força, depende

seu bem-estar, sua liberdade, sua integral emancipação, só se bate por uma causa que é impossível de confundir com a dos tiranos e a dos exploradores.

O eleitor é um ser inerte que só se move quando vota. É inofensivo e é pacífico. Se um dia se bate entrega as armas docilmente aos primeiros que declaram estar na disposição de o libertar. A escola do voto é a escola da obediência servil. É um facto incontroverso, historicamente demonstrado, que as multidões que votam se deixam dominar, mesmo quando revolucionariamente conseguem triunfos.

A greve é a melhor escola do proletariado. A vida é a luta e não o voto. O grevista luta, tendo contra si uma burguesia que explora e um Estado que oprime. Se essa luta não for desviada dos seus objectivos, ela só terminará quando a burguesia desaparecer e o Estado, instituição secularmente agressiva e inimiga de todo o progresso, perderá com ela, totalmente, a sua razão de existência.

Será uma utopia assinalar a derrota da burguesia e a desapareição do Estado?

Desviar o proletariado da luta de classes equivale a condená-lo a uma escravidão perpétua

O sindicalismo revolucionário é o último grau da evolução proletária. Pretender arastar o operariado para as urnas equivale a salvar o parlamentarismo da ruína em que se encontra e restituir à democracia o prestígio de que ela necessita para eternizar a exploração capitalista-burguesa.

Os que tal pretendem são dotados dum confrangido empirismo. A C. G. T., respeitante aos seus objectivos e não se afastando dos seus métodos, soube marcar nesta sociedade desviada uma atitude de rara coerência, bastante precisa para o futuro da causa proletária.

Pode *A Internacional* atacar-nos e insultar-nos, insultando e atacando o operariado. A C. G. T., colocando os interesses da classe operária acima dos interesses dum partido político, permanecendo fiel à sua orientação e recusando-se a envolver-se nas scições do partido democrático cumpriu o seu dever. Os outros, aliando-se a um núcleo da política burguesa, supuseram também cumprir o seu dever. Como políticos procederam bem. Não nos admira que nos acussem de termos procedido mal. E' que nós, politicamente, não aceitamos nem queremos aceitar compromissos com a burguesia. As questões que a dividem nada têm que ver com — a questão social.

Felizmente que os que pretendem desviar o proletariado da luta de classes, procurando assim eternizar a sua escravidão, sofreram uma derrota que é, para todos os que pretendem uma humanidade melhor, motivo do sincero e legítimo regosijo.

Como estão agonizando os degredados brasileiros na mortífera região de Oyapock

Viveria ainda hoje no rol do esquecimento a vasta e gelida Sibéria, ignorada por tudo e por todos, embalada no eterno sono das coisas relegadas ao olvido, se não fora escolhida e distinguida dentre todas as regiões para tálamo a liberdade pelos antigos e modernos tiranos do intrépido e heroico povo moscovita.

O Oyapock — região menos vasta e de clima diametralmente oposto ao da Sibéria, insalubre, inóspito e mortífero — está situado em meio às matas seculares entre o norte do Brasil e as Guianas. É uma região que nem sequer é nomeada nas geografias. Entretanto, foi a escolhida pelos tiranos destas brasílicas paragens para o seu pútrido e odioso dos arbóreos generosos e ativos do povo brasileiro. Esta, como aquela, também caminha para a celebridade, passando à nossa história como um ponto negro, escuro, hediondo, tenebroso, inapagável...

Jazem, deportados nestas plagas sombrias e tristes, embrenhados nas selvas como feras, na mais intensa angústia, na solidão mais horrível, sofrendo os maiores horrores, passando por incriveis martírios, curtidão as mais duras necessidades, a mais desbragada miséria económica e moral, sem recursos de espécie alguma, isolados do mundo e das coisas, da família e da sociedade, longe da civilização, dezenas e dezenas de infelizes soldados e marinheiros expiando o crime de terem obedecido cegamente às ordens dos seus superiores hierárquicos (como ordena a fúria disciplinária militar) que se revoltaram contra o actual governo; desgraçados mendigos pela infamia (!) de serem velhinhos, inutilizados, repellidos e escarnecidos pela sociedade, porque aqui não há asilos que os acolham; inúmeros filhos do povo confundidos entre vagabundos — produtos híbridos do regime social contemporâneo — pelo inconcebível delito de não terem recursos para comprar a sua liberdade aos agentes que os prendem; e vários sindicalistas e anarquistas — operários e intelectuais — por amarem e propagarem o ideal de Amor, Paz, Liberdade e Harmonia, crime que todos os governos não perdoam.

De aproximadamente mil deportados resta, mais ou menos, metade. Insignificaníssima é a percentagem proporcional dos que conseguiram sair deste inferno, comparada com a dos que morreram. Os falecidos diários variam entre dois, três, quatro e até oito.

O Oyapock é um lugar sem recursos médicos; os próprios preceitos sanitários e higiénicos são desconhecidos. Os infelizes deportados dormem aos grupos de cem e mais indivíduos. Barracões imundos e asquerosos cobertos de tábuas ou palhas por cima e pelos lados — eis os alojamentos. A febre palustre, a disenteria, a gastroenterite encontram neles um vasto e amplo campo de propagação, fazendo, impunemente, vítimas diárias. Acresce a tudo isto a alimentação deficiente, imprópria e irregular e, na maioria das vezes, sem temperos de espécie alguma.

As associações do Rio e de São Paulo foram fechadas a 5 de Julho do ano passado e seus principais militantes presos, seguindo vários destinos. Muitos dos que tiveram a felicidade de não ter nascido em terras brasileiras, foram deportados para seus países de origem, outros, nacionais e estrangeiros, foram ter às regiões do Oyapock, após longos meses de horrores inenarráveis a bordo dum navio.

Estando o país em regime de guerrilhas que irrompem ora aqui, ora acolá; perpetuando-se o estado de sítio; a censura na imprensa e na correspondência postal; sem recursos; por assim dizer, incommunicáveis, estando as agremiações operárias e libertárias guardadas pela polícia; não nos sendo concedido o direito da imprensa, da mais simples defesa, em virtude da reacção desencadeada barbaramente contra todos aqueles que, mais ou menos, desassombradamente não vacilam em manifestar pública e francamente suas ansias de independência, erguendo altiva e heroicamente o protesto contra os desvios, os desmaços e os desmandos que venham ferir a Liberdade, a Razão e a Justiça, estaremos condenados à morte, se uma força estranha, porém amiga e irmã, não partir de todos os âmbitos do universo, repercutindo em todos os corações generosos e libertários. Se os homens de alma nobre, de bom senso não se decidirem a prestar seu apoio moral e material em prol da nossa liberdade, pereceremos fatalmente.

Companheiros do Ideal! Vós que tendes pais, esposas, filhos, irmãos, noivas e amigos queridos! Vinde até nós! Volvei vossas vistas para os horrores do Oyapock! Nesta região mortífera moribundam camaradas que como vós também têm pais, esposas, filhos, irmãos, noivas e amigos queridos! Trabalhem os seus lares saudados ao seio dos seus estremosos amigos.

Desampará-los é concorrer para o triunfo da prepotência governamental empenhada em aniquilar os idealistas; auxiliá-los é concorrer para mais uma vitória da solidariedade internacional!

Quinze foi o número dos anarquistas deportados para o Oyapock. Quatro morreram — José Maria Fernandez Varella, José Alves Nascimento, Nicolau Paradas e Nino Martins; cinco conseguiram sair, os seis restantes são: Manuel Ferreira Gomes, Tomás D. Borché, José Baptista da Silva, Biophilho Panclasta, Pedro O. Motta e António Salgado.

São as indefesas vítimas dum regime injusto e prepotente que, à beira do túmulo, apelam para os vossos bons sentimentos de humanidade.

Que um protesto unânime faça tremer novamente a burguesia como nos casos Sacco e Vanzetti, Nicolau e Matheu e tantos outros antigos e recentes que constituem as glórias da solidariedade internacional.

Oyapock, Setembro 1925.

Domingos BRAZ

Ainda o processo Daudet e os interessados depoimentos dalgumas testemunhas

Como já tínhamos previsto, ainda continuam os depoimentos das testemunhas neste memorável processo Daudet. No entanto supõe-se que com mais duas ou três sessões tudo esteja concluído.

Na audiência de quinta-feira passada, depuseram inúmeras testemunhas, entre elas o espingardeiro Flobert que desejou esclarecer um ponto das suas declarações transactas. Afirmou que a cápsula encontrada no "taxi" pertencia incontestavelmente ao revólver que apareceu junto de Daudet. Não pode haver dúvidas nenhuma a esse respeito.

O depoimento dum jornalista

Edmond Du Mesnil é um redactor do jornal *Rappel*. Politicamente é inimigo de Léon Daudet, no entanto declara o seguinte: — «A política que já nada possui de interessante, seria horrível se ela se afastasse do seu desejo de justiça e de verdade quando se trata de um adversário.

«Eu protestei contra a lentidão do processo, pois desde o princípio que me sinto revoltado por tudo o que tem sucedido.

«Quando soube que o primeiro processo ia arquivar-se, escrevi nesse sentido à Justiça, e senti-me feliz quando me informaram que a instrução do processo se ia completar.

O processo teve aqui o seu seguimento, mas o que é verdade é que, se ele tivesse seguido vigorosamente desde o princípio, a esta hora já luz tinha sido feita.

«Hoje, como homem honesto, declaro mais uma vez que não creio num suicídio.

«E' uma apreciação, bem sei, mas um julgamento é também uma apreciação e se respeito qualquer decisão julgada, esse respeito finda no momento em que essa decisão se transforma num erro judicial».

A opinião de Pierre Bertrand

O sentido do depoimento de Pierre Bertrand, chefe de redacção do *Quotidien*, é idêntico ao da testemunha anterior.

— Eu não sou amigo de Léon Daudet, diz, e não estou disposto a defendê-lo, a ele sobredito que nunca teve uma frase de justiça ou de piedade para um adversário.

«Como toda a gente, tive conhecimento da morte de Filipe Daudet, pela *Action Française*, e, num gesto de delicadeza, mandei perguntar ao director deste jornal o que desejava que o *Quotidien* dissesse sobre o drama. A única resposta que tive foi uma carta injuriosa de Maurice Pujo.

«Torno a repetir, pois, que venho aqui unicamente para pedir que seja feita luz.

«Houve assassinato? Suicídio? A gravidade da pergunta é enorme e necessitamos basear-nos em factos seguros. Infelizmente não são numerosos.

«Neste momento apenas vos venho recordar um: a visão» de Le Flautier, que viu Filipe Daudet ensanguentado, mas não morto.

«Só muito tempo após o drama é que eu tive conhecimento dessa visão e nesse momento levei-a à conta de basófia ou intruice; mas quando se fez luz sobre este ponto.

escrevi que, para mim, essa visão era simplesmente uma confissão. O que eu escrevi, mantenho-o ainda hoje.

«Imaginal, por momentos, que nada se conhece sobre a morte de Filipe Daudet, a não ser que, no dia da sua morte, esteve às 4 horas da tarde em casa dum homem de moralidade duvidosa, que, nessa mesma noite, esse homem teve uma visão e que no dia seguinte se soube que com efeito o jovem Daudet morreu da maneira representada pela visão, o que pensariam os senhores?

«Eu, por mim, não creio nas visões. Em geral, a polícia e os juizes, também nelas não acreditam.

«Eu não acuso, especialmente, ninguém, mas o que digo e repito, é que em todos os casos, Le Flautier, pelas suas maquinacões, antes, e pelo seu silêncio, depois, é responsável pelo sangue que manchou o corpo de Filipe Daudet».

A opinião dum comissário da polícia

O comissário Benezech, em seguida, referese às diligências efectuadas na polícia quando se soube do «suicídio».

«Deixei ao meu secretário o encargo do inquérito, porque o «suicídio» não apresentava nada de especial, nem de complicado.

«No domingo à noite, pelas onze e meia, recebi uma comunicação telefónica de Paulo Guichard, dizendo-me que o corpo fora reconhecido, mas que não podia dizer pelo telefone o nome do suicida.

Que se tratava dum suicídio, tinha eu quasi toda a certeza, não só pelos resultados do inquérito dos meus empregados, como pelo do médico que examinou o cadáver.

«Na 2.ª feira de manhã dirigi-me ao hospital Lariboisière, onde vi o morto e junto dele, Allard, a quem exprimi o meu desgosto pelo sucedido.

O advogado de Roux interroga a testemunha:

— Mas porque não pediu que lhe mostrassem o fato do morto?

— Estava na estufa e além disso não é costume. Não se tratava dum delito, mas dum «suicídio».

A carta anónima

O sr. Guellé, director do Hospital Lariboisière, refere-se a uma carta anónima que uma das guardas da sala recebeu no dia em que fez o seu depoimento à polícia, depoimento em que ela afirmava nada ter notado de anormal.

O advogado Noguères lê essa carta. «Como é que a senhora pode mentir assim? Inconscientemente está servindo de cúmplice aqueles que mataram o nosso Filipe. Isso é uma cobardia.

«Dizem que você acredita em Deus. Faça o seu exame de consciência, pois o menor detalhe, o menor facto pode servir a causa do nosso filho muito amado.

«O seu testemunho pode ser confidencial, se a senhora assim o desejar»... Esta carta é anónima e a sua leitura pro-

ENQUANTO BAIXAM OS SALÁRIOS...

E' cada vez maior a cifra sinistra dos indivíduos que dormem nos patamares das escadas.

Quem se der ao trabalho de riscar um fósforo e observar o aspecto desses desgraçados hóspedes, verificará sem grande esforço que eles não têm aquelas iniludíveis características que assinalam a presença do vagabundo, frequentador de cadeias, e a quem a miséria acompanha sempre, desde a infância...

Muitos, a grande maioria desses infelizes que não têm quarto, revelam no vestuário, nos seus modos, o fracasso recente, a derrocada próxima, e quando as passadas dos moradores, são mais fortes, eles levantam-se estremunhados, e contam a história do seu desastre, o naufrágio na vida que os arrastou, o dormir como miseráveis ao acaso, nos bancos dos jardins, ou nos patamares das escadas.

Um motivo, a história é sempre a mesma, e evidente, tragicamente vinculada na delicadeza de maneiras dos narradores: O desemprego, a irregularidade, a exiguidade de proventos, e a exorbitância do preço dos quartos.

Primeiro é uma noite que não podem voltar ao quarto, porque não conseguiram ao fechar do mês, a espantosa soma para calar a hospedeira. Depois é a noite perdida ao relento, na esperança muito vaga de vencer a tremenda dificuldade...

Passam dois, três dias, horríveis, tão horríveis que acabam de vencer pelo cansaço, o hábito de dormir num quarto, de ter casa, de possuir uma cama, e então o desgraçado acaba por transijir com o sono e cair morto de fadiga, amarfanhado de dor, sobre as táboas dum banco na via pública, no sobrado de uma escada, numa rua escura, deserta.

E' um aspecto ignorado da vida trágica da cidade, esta tragédia dos que não têm onde dormir, tragédia que nos emudece de horror, porque ela vai ferir indivíduos que ainda há pouco conheciam o calor do lar, e agora passam a conhecer as pisadas dos moradores dos prédios onde utilizam as escadas para improvisar o seu leito...

São indivíduos que tiveram os seus hábitos de vida regular, e que foram atraídos para o enxuro da existência, pelo desemprego, provocado pela substituição de mulheres na sua tarefa; pela concorrência doutros desgraçados que se oferecem por todo o preço, apavorados com a crise tremenda que atrai tantas vítimas para os máximos horrores da miséria; são ainda, o que é revoltante, indivíduos que se sujeitaram, sem protesto, porque a isso o espectro da fome os obrigou, a ficarem nos seus empregos, com redução de salário, e que acabaram por não resistir a este atentado de fâcias.

E não resistiram porque ao lado desta infâmia, da redução encapotada de salários, uma outra infâmia do quilate da primeira, vem agravar a acção do atentado aos magros proventos dos pobres sacrificados.

Emquanto que por um lado se diminui o salário, o preço da vida em nada diminui, e os quartos onde não é fácil exercer controle, aumentam escandalosamente.

E' o banditismo o mais ignóbil, o mais repugnante, sugando até à morte uma população que de tanto sugada já não tem resistência nervosa e entrou na apatia das doenças graves.

Cercelam-se os magros proventos, aumenta-se até ao roubo o preço dos quartos e o mais extraordinário é que, depois desta terrível desparidade, os quartos de preços fabulosos vão também diminuindo de cubagem, de acomodações e de conforto.

E' a nova indústria destes novos corsários, é a indústria dos quartos alugados.

Um cavalheiro deita mão a um sótão, e tem garantida uma fortuna em pouco tempo. Pega de um giz e marca no sobrado uma infinidade de quadrados. Compra chita, ou umas ripas, papel, edifica sobre o traçado uns simulacros de parede e em seguida, quasi sem anúncio, porque há imensa gente farejando moradia, aluga aqueles cafifros por uma renda elevada que lhe dá para montar outros negócios e ser um grande senhor...

Os jornais vêm cheios disto:

«Quartos alugam-se. No estabelecimento tal se diz».

O desgraçado vai ao estabelecimento e ali lhe dizem o preço e a direcção.

Trepa ao quinto andar e ali surge o sótão, com as divisórias de chita.

O desgraçado se tem dinheiro, fica, porque não pode deitar a mão a melhor, a não ser que se julgue um nababo, ou então recua espavorido, nesse dia perde a noite e vai esparramar a legião dos que não têm onde dormir...

E esta infâmia alastra, os quartos, diminuindo-se, multiplicam-se, a renda vai subindo, como se cada cafifro pagasse a casa toda.

Entretanto, milhares de trabalhadores, lutam contra a baixa de salários que se pretende impor à viva força e há ingenuos que supõem lógrico, necessário ao barateamento, este monstruoso atentado à vida da população...

RENOVAÇÃO

O número da *Renovação* que está em circulação contém, como sempre, as últimas actualidades. A parte literária, em que colaboram nomes dos nossos escritores mais brilhantes, apresenta crónicas leves dentro as quais destacamos a de Mário Domingues sobre o circuito hípico e a de Ferreira de Castro sobre os últimos degredados que embarcaram para a Africa.

Completando o magnífico texto, traz um artigo de Nogueira de Brito sobre a filosofia e o alcance social da obra de Ibsen, abrindo com um esplêndido retrato de grande dramaturgo. Inegavelmente um excelente número o da *Renovação* que está pôsto à venda.

voca uma certa agitação na sala. Daudet interrogado confessa:

— Essa carta é de minha mulher.

— Mas porque não a assinou.

— Talvez se tivesse esquecido.

A audiência termina com o depoimento de Marcel-Provence, escritor, e de Chanolet-director da polícia municipal e que nada adiantaram.

EDEN TEATRO

Direção artística de HENRIQUE SANTANA

TELEF. N. 3800

HOJE—às 21,15 (9 1/4 da noite)

Graça esufiante—Lindíssima música

NO PAIZ DO TIRISMO

GALANTE E ESPIRITUOSÍSSIMA REVISTA

CREMILDA DE OLIVEIRA em três papeis de destaque

Os "compêres" por HENRIQUE ALVES e GUILHERME CAUPERS

Grande aparato—Notável conjunto

Notas & Comentários

Os hospitais civis

A conveniência de darmos publicidade a vários assuntos de grande oportunidade, determinou uma leve interrupção na sensacional reportagem dos hospitais civis que vimos fazendo com aplauso dos nossos leitores. Essa interrupção termina na próxima quinta-feira, dia em que retomaremos a publicação das nossas impressionantes notas, dando à estampa a situação, verdadeiramente penosa, em que se encontra o Manicômio Miguel Bombarda, visitado no sábado pelos nossos redactores.

Um esclarecimento

Procurar-nos o sr. António Soares, desenhador da casa Diamantino & Branco, cujo pessoal se encontra em luta contra a baixa de salários, para nos declarar que nenhuma interferência teve na admissão de dois alunos do Asilo Maria Pia que ali se encontram trabalhando, tratando assim o movimento dos operários. Registamos as declarações do sr. António Soares que, aliás, já tinham sido confirmadas por uma nota dos grevistas, publicada no nosso número de domingo próximo passado.

Muitas obscenas

Como o leitor sabe, a polícia de costumes resolveu acabar com os maus costumes da população lisboeta. Não se pode falar mal. O palavrão foi banido da linguagem portuguesa. Pela educação? Não, pela multa. Inúmeras têm sido as criaturas multadas pela polícia. Mas, agora, esta transformou a lei da boa educação num negócio rendoso. Multa a torto e a direito. Multa mesmo as criaturas que não proferem nenhum daqueles palavrões que fazem corar as senhoras delicadas. No sábado à noite, o sr. Bento Botica foi subitamente abordado por um agente que, a pretexto de que ele proferia palavras obscenas, o levou preso. Passou a noite no governo civil e no dia seguinte foi condenado em 390 escudos de multa. Bento Botica pode afirmar com testemunhas não ter proferido uma única palavra obscena. Quem ensinará a polícia a falar?

Que "louquice"!...

O órgão católico julga-nos obrigados a manter conversação animada sempre que lhe apetece. Se quando não estamos bem humorados nos dispensamos de brincar com ele, sentindo a falta das nossas troças, reclama.

Julga o jornal Novidades que nós não temos as curiosas asneiras que suas colunas nos oferecem, dia a dia. Descance que lenos. Ainda não nos esquecer, por exemplo, que há dias referindo-se ao odiado Pimenta que não caiu nas suas boas graças, qualificou de louquice a sua atitude perante os bispos.

Quer agora que lhes respondamos a todas as suas boutades elegantes. Ora, ora, —que louquice!...

O avião Junkers

Partiu ontem de Madrid, cerca das 9 e 40 minutos chegando a Alverca depois das 13 horas o avião Junkers. Antes de aterrar em Alverca fez várias evoluções sobre Lisboa arreassando vários prospectos.

Teatro São Carlos

HOJE

repete-se

O Príncipe João

de LUZ & ALMEIDA

e FREDERICO AIRES

Ensaenação

da professora

LUCINDA SIMÕES

No principal papel feminino

Lucília Simões

OS QUE MORREM

Carolina Michaelis de Vasconcelos

Faleceu em Coimbra D. Carolina Michaelis de Vasconcelos, eminente filóloga e um dos espíritos mais cultos do nosso país.

Escritora e poeta muito apreciada tanto em Portugal como no estrangeiro, D. Carolina de Michaelis Vasconcelos era considerada a par de Cândido Figueiredo, também já pouco falecido, uma das criaturas que mais profundamente conheciam o idioma português.

Em sinal de sentimento pelo falecimento da ilustre escritora e professora da faculdade de Letras de Coimbra, a faculdade de Letras de Lisboa, onde pela primeira vez exerceu o magistério, suspenderá hoje, por 24 horas, os seus trabalhos. O director da faculdade dr. sr. Queiroz Veloso enviou um sentido telegrama de pêsames à faculdade de Coimbra.

CRISE DE TRABALHO

E BAIXA DE SALÁRIOS

S. U. da Construção Civil

Reúne em assembleia geral a Secção Profissional dos Pedreiros para tratar da crise de trabalho e baixa de salários e outros assuntos de interesse para a classe.

São convidados a comparecer nesta assembleia os camaradas José da Costa e os seus acusadores que fizeram inserir em A Batalha uma local sob o título "Um burão".

EM DEFESA PRÓPRIA

Os condenados sem julgamento a prisão perpétua

Todos os que acompanham de perto, dia a dia, as crônicas do crime estampadas nos jornais e as reclamações de justiça dos delinquentes que se encontram detidos podem fazer ideia aproximada do que se passa nos tribunais deste país e nos cartórios dos escrivães respectivos para os quais, e por via de regra, a liberdade dum homem e a felicidade relativa duma casa de família são duas cousas de muito secundário interesse, desde que o dinheiro do arguido não ande à frente, lubrificando os atriços que se opõem ao rápido andamento da justiça.

Há excepções a esta regra, mas em geral é assim e até certo ponto compreende-se que não seja doutro modo porque o dinheiro é tudo, e sem ele ninguém pode viver em equilíbrio estável numa sociedade falida.

Há seis meses que me encontro preso na cadeia civil do Porto como dinamitista em consequência duma falsa denúncia, não tendo podido ser por menos a infame vingança que me privou da liberdade arrazando a minha vida, a minha saúde, a minha família e a minha casa, sem a menor atenuação por meus filhos, que a lei e a justiça deviam proteger e defender.

No longo e amargurado decurso desses seis meses do mais injusto cativerio que pode supor-se muitos e diversos crimes camuflados se não praticados e a maioria dos respectivos agentes, mesmo nos casos de assassínio, agressão, e burla, ameaça, desfalque, etc., devido sem dúvida à influência dos políticos ou à acção do dinheiro, encontram-se a esta hora em liberdade, uns d'elles já julgados e absolvidos e outros afiançados, podendo assim tratar da sua vida, inclusiva e mais facilmente da sua defesa, o que em liberdade muito mais fácil se lhes torna, como é intuitivo.

Ora, eu, que não cometi o crime de que sou acusado, o que provarei em audiência, já perdi a esperança de ser julgado nestes anos mais próximos e na cadeia vou ficando esquecido dos homens da justiça em detrimento da lei e meu próprio prejuízo, sacrificando inauditos para os meus filhos que sofrem mais que eu souro com a horrível situação em que me encontro e que por mim não foi criada.

O simples facto da minha captura efectuada por mandado judicial e em nome da lei, uma vez considerada a sua origem, é um verdadeiro crime cuja responsabilidade, mais ainda que dum falso e vilíssimo denunciante—o carcereiro de Valpassos—é daqueles que, exercendo mister público, colocam indivíduos nas minhas circunstâncias na situação em que me encontro que tanto ou mais grave que a do cárcere privado, crime previsto e punido pelo código penal. A minha situação está sobremaneira agravada com a prisão de minha mulher por um outro motivo e cujo julgamento já foi adiado, frizando bem que o referido carcereiro é uma criatura de péssimos precedentes, aselvajados, e pode dizer-se que dos piores que há no concelho, pertencendo a uma sub-espécie de mostrengos a que ali se dá o nome de «rabões», sempre dispostos ao exercício de todos os crimes, às ordens de quem tudo pode e em tudo manda, garantindo-lhes impunidade.

Alguns desses malvados foram suprimidos em consequência da sua reconhecida fereza, outros têm morrido de remorsos, sendo de todos o mais feroz aquele que se arvorou em meu carrasco e que, pelas suas virtudes, se tornou superior à lei e aos próprios magistrados judiciais que fazem obra pelas suas denúncias, julgando-o pessoa de bem.

Pósto isto, resta-me tão somente o patrocínio da imprensa, a qual e por esta forma mais uma vez recorro, repetindo e afirmando que não temo o julgamento em cujo acto farei prova cabal e completa da minha inocência, quanto ao crime que me atribuem, temendo apenas que a minha recusa, caindo inteiramente no esquecimento, venha a tornar-se perpétua. Superlativa infâmia de que ninguém está livre e é, como tantas outras às quais só o povo consciente e bem unido pode pôr cõbo, o que alguma vez há de suceder, quanto é certo que nele deposito toda a minha esperança de melhores dias para a humanidade e toda a fé que bebi na fonte da sua história.

Cadeia Civil do Porto

A. Sebastião de BARROS

NACIONAL

A peça em 3 actos «As Duas Metades», em ensaio neste teatro, deve subir à scena por toda esta semana, entrando nela, além de todos os sociários, alguns artistas contratados.

Um concurso em Espanha

ao qual podem concorrer artistas portugueses

Perante a direcção geral de Belas Artes, de Madrid, foram abertos concursos de escultura e de música ao qual podem concorrer artistas portugueses. O concurso de escultura é relativo a um projecto de fonte para pátio jardim ou atrio, de escola oficial de crianças, sendo o premio de 15.000 pesetas. Os temas do concurso de música abrangem: 1.ª música religiosa: uma missa de natividade, de caracter popular; 2.ª uma obra de música de câmara; premio 3.000 pesetas para o concorrente melhor classificado em cada um dos dois referidos temas. Os esclarecimentos são prestados em Lisboa, na Direcção Geral de Belas Artes, 1.ª repartição para o concurso de música e 2.ª para o de escultura.

Uma importante sessão contra as deportações

A questão das deportações e das detenções de operários sem culpa formada continua a interessar a opinião pública que, felizmente, já deu conta das arbitrariedades praticadas.

Couforme noticamos, na sede do Sindicato dos Manipuladores de Pão realizou-se anteontem uma importante sessão de protesto contra as deportações e prisões sem culpa formada.

A sessão foi presidida por Alberto Monteiro, da Câmara Sindical do Trabalho, e esteve muito concorrida. Usaram da palavra Eduardo Ortiz, pela Comissão Pró-Regresso dos Deportados; Virgílio de Sousa, pelo Núcleo de Juventude Sindicalista; Alberto Monteiro, pela C. S. T. e dois componentes da classe de Manipuladores de pão. Todos os oradores foram unânimes em condenar as deportações sem julgamento e as prisões sem culpa formada.

A sessão decorreu sem incidente, apenas Eduardo Ortiz foi interrompido pela polícia presente, quando citava a afirmação do dr. Lopes de Oliveira que disse que 95 por cento das bombas que reventavam em Lisboa eram arremessadas pela polícia.

A assistência aprovou por unanimidade a seguinte moção: «Considerando que representa uma iniquidade, consideradas até sob o ponto de vista da Constituição, as deportações para a África e as detenções nas esquadras, há longos meses, de operários sem culpa formada;

Considerando que é do mais elementar sentimento humano não permitir a continuação de tal estado de coisas, que já deu azo à morte de quatro proletários nas plagas africanas, indo um até ao enlouquecimento;

Considerando portanto, a imprestável necessidade dum movimento tendente a obter o regresso dos deportados e a libertação dos presos nas esquadras;

Os proletários reunidos em sessão pública de protesto promovida pelo Sindicato dos Manipuladores de Pão, resolve a convite da direcção deste sindicato:

1.ª Afirmar a sua mais veemente repulsa por tal iniquidade;

2.ª Fazer sentir à Câmara Sindical do Trabalho de Lisboa a conveniência na realização dum grandioso movimento, tendente a obter o regresso dos deportados e a libertação dos presos que se encontram nas esquadras, com a paralisação de trabalho que permita a realização duma manifestação de protesto ao parlamento no dia da sua abertura.

A sessão terminou aos vinhos à C. G. T., deportados, A Batalha, etc.

COLISEU

Hoje - A's 21 horas (9 da noite) - Hoje

2.ª apresentação da célebre troupe

ZACHINI

com os seus maravilhosos e interessantes

4-cavalos selvagens-4

Irmãos Trinchant

em triplíce barra

Miss Ariette

Equilibrista em fio de ferro

que ontem obtiveram um extraordinário

sucesso

Numeros novos

Todas as noites espectáculo variado

QUINTA FEIRA:

Grandiosa matinee elegante

DESSPORTOS

Campeonato operário

Encerra na próxima sexta-feira, 20 do corrente, a inscrição dos clubes concorrentes ao campeonato operário de Lisboa.

Os clubes que pela primeira vez concorrem devem enviar os seus representantes na terça-feira, às 21 horas, à sede da Federação Socialista de Desportos. Atletas, no largo Afonso Pena, onde se encontra aberta a inscrição, para serem informados devidamente das formalidades que têm a cumprir para poderem participar do campeonato operário e das restantes provas federais.

TIVOLI

TEL. N. 3471

ÀS 8 3/4

1.ª jornada

O rapto de Helena

Sensacional realização cinematográfica

do célebre poema de Homero

Circuito hipico de Portugal

Pescadores e Pescados (cinéfarça)

Pamplinas no Polo Norte

(cinéfarça com Buster Keaton)

A Ilíada passa no écran às 9,20 h.

IMPRENSA

«Correio Desportivo»

No próximo dia 23 do corrente, começa a publicar-se em Lisboa um novo semanário intitulado Correio Desportivo.

Publicar-se-á todas as segundas-feiras, às primeiras horas da manhã, inserindo colaboração de distintos e conhecidos jornalistas da especialidade.

Toda a correspondência pode ser enviada provisoriamente para a avenida da Liberdade, 178-C, D.

Teatro São Luiz

Empresa Ramos, L.da—Telefone C. 224

Últimos espectáculos em que entra a notável tonadilla

LA GOYA

O espectáculo compõe-se de lindas canções e de uma ópereta

'A Batalha' na provincia e arredores

Condennados à miséria — Os padres

SILVES, 14.—O trabalhador Sebastião Garrado morreu instantaneamente, vítima dum desastre quando conduzia um carro de bois, deixando sua mulher e filhos menores na maior das misérias.

A lei dos accidentes de trabalho determina, nestes casos, que seja dada uma pensão à viúva. Os médicos que fizeram a autópsia do desventurado trabalhador constataram que ele foi vitimado em consequência do accidente de trabalho, mas nada fizeram para que a viúva recebesse a pensão a que tem incontestável direito.

A patroa deste trabalhador é a reacçãoária Maria Firminia, a quem Deus de certo absolviu já do pecado de ter condenado uma família à miséria.

—A lei da Separação não permite que os padres andem pelas ruas em hábitos talares. Mas as autoridades fecham os olhos e deixam-nos andar com as suas vestes carnavalescas pelas ruas, afrontando a dignidade dos que não adoram um Deus de crime e de ódio.

Até o animatógrafo aqui está bastante caro. Os donos, que são industriais corticeiros, não baixaram os seus preços e são tão gananciosos que ainda por cima tentam reduzir mais os salários dos operários.

Razão têm os corticeiros de se manterem na luta travada contra a baixa dos seus salários. Gostariamos ainda de ver os trabalhadores não frequentar o cinema enquanto não reduzissem também os preços dos bilhetes.

A escola industrial

SILVES, 13.—A escola industrial, que tão útil tem sido à população desta cidade, possuía uma aula-oliceia nocturna para os filhos dos operários que não podiam frequentá-la de dia. Por razões que ignoramos, a aula-oliceia fechou, o que prejudicou grandemente os interessados.

Como do funcionamento daquela aula muito aproveitava ao operariado, daqui lembramos ao seu director a conveniência de a reabrir quanto antes.—C.

Grijó—Gaia

Os frutos da propriedade particular

GRIJÓ, 14.—E' costume, desde tempos imemoriais irem os pobres ao monte buscar a lenha de que necessitam para preparar o negro caldo de couves, sem exclusivo alimento. Surgiu ultimamente aqui o sr. António de Carvalho, mestre de obras do lugar de Venda Nova, em Pedreiro, com uma antipática determinação: a ninguém era permitido tocar num pinhal que ele possui.

Como tivesse notado, há tempos que os seus pinheiros falfavam alguns ramos, o homem ficou enfurecido e tratou logo de averiguar quem teriam sido os «assaltantes» da sua «sagrada» propriedade. Ao descobrir que esses ramos tinham sido levados por umas mulherinhas dadas terra ele ficou furioso e deu-lhes uma multa de 50 a 100 escudos. De duas delas ainda conseguiu obter a indemnização que reclamava. Mas, as outras embora se tivessem curvado às suas exigências, não conseguiram arranjar o dinheiro que ele lhes queria extorquir.

O mestre de obras, em face disso, entregou novamente o dinheiro às duas que lho tinham dado e arranjando mais algumas vítimas apresentou, na polícia municipal, queixa contra 11 mulheres, como se se tratasse dum bando de salteadores.

As mulheres foram junto dele choramingar-se e pedir-lhe ajeitadas que desistisse da queixa, fazendo sentir a dura miséria em que viviam. Mas o mestre de obras não se moveu.

Como as mulheres na polícia tivessem confessado que tinham ido buscar lenha ao pinhal do Carvalho, o processo foi enviado ao tribunal onde elas foram colocadas neste dilema: ou arranjar um fiador de 500 escudos e mais 176 em dinheiro, ou iam parar à cadeia.

Este gesto repugnante do mestre de obras causou nesta localidade uma grande indignação. Dêle participaram até alguns proprietários que contribuíram com algum dinheiro para que as vítimas do mestre de obras não fossem parar à cadeia.

Mina de S. Domingos

Ainda o grave desastre

MINA DE SÃO DOMINGOS, 13.—Parece que o operário Manuel Martins, vítima da explosão de barrenos, fica cego. A mexa usada nos barrenos ultimamente, já tinha motivado queixas da parte dos operários. Mas é tal a coacção que sobre tudo e todos exercem os srs. ingleses que os operários, reconhecendo o perigo que a todo o momento os ameaça, não protestam, suicidando-se, como pôdia ter sucedido ontem e sempre, porque até darem-se os casos, não se tomam as devidas providências. Toda a mecha igual aquela que motivou o desastre de ontem foi já retirada e substituída por outra melhor.—C.

Sintra

Os militares agravando a crise de trabalho

SINTRA, 14.—Nos trabalhos de construção civil estão-se empregando soldados, agravando-se assim a crise de trabalho nesta vila. As responsabilidades cabem às autoridades que permitem este absurdo. Entretanto, os operários da indústria vão lutando com a miséria, e a crise resolver-se-ia em grande parte se as obras no campo de aviação na Granja não fossem efectuadas por militares, cuja função é bem diversa.—C.

Universidade Popular Portuguesa

Realiza-se hoje, na Universidade Popular Portuguesa, Rua Particular Almeida e Sousa, uma sessão cinematográfica educativa.

Teatro Nacional

Telefone Norte 3049

HOJE

Últimas réctas com o

EMOCIONANTE ESPECTÁCULO DA BRILHANTE PEÇA

DE Carlos Selvagem

MIRAGEM

Brevemente a peça As duas metades

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

4.º concêrto da Sociedade de Concertos Sinfónicos

Fernandes Fão que este ano verá, segundo parece, perdido todo o esforço que deu à organização da sua Orquestra Sinfónica de Lisboa, foi convidado, pela Sociedade Portuguesa de Concertos Sinfónicos, a dirigir os dois últimos concertos que esta colectividade pretendia ainda dar sob a égide de Emilio Cooper. Era, na verdade, penoso para um núcleo tão homogêneo e competente de executantes não fosse até ao fim neste louvável empreendimento de fazer ouvir na sua máxima força uma orquestra completamente portuguesa. O maestro Fão accedeu, como era de supor e o público ganhou com a aquisição.

O regente da Banda da Guarda Republicana, única instituição militar de utilidade, embora se faça ouvir tão pouco, não é o que pode chamar-se um director brilhante, no sentido teatral da palavra, mas é um músico sábio, com conhecimentos técnicos invulgaes. Consta, por isso, muita gente, a forma pouco exibicionista como dirige. O que é certo, porém, é que os seus programas são cuidadosamente elaborados, pelo menos dentro da predilecção do público, o que talvez nem sempre seja útil sob o ponto de vista educativo e metódico. Adiante. Agora, em São Carlos, Paisiello, Sibelius, Mossorgsky, Saint-Saëns, Tchaikowsky e adaptação de Respighi constituíram um programa interessante em que a orquestra continuou a revelar a sua homogeneidade e competência.

Na execução têm honras de primazia a interpretação do 3.º andamento da Sinfonia patética, a 2.ª dança antiga, e a marcha Oriente e Ocidente, de Saint-Saëns. Muito bem o naipe dos violinos no último andamento daquela sinfonia.

Nogueira de BRITO

Em São Carlos

«O príncipe João», de Charles Meré, tradução de Cristóvão Aires (filho) e Acúrcio Pereira

Quando das réctas de André Brulé e Madeleine Lély tivemos ocasião de nos referirmos à peça de Meré «Le Prince Jean», traduzida agora por Cristóvão Aires (filho) e Acúrcio Pereira.

«O príncipe João» é sobretudo uma obra que tem teatro e em que as scenas se encaixam com naturalidade, evidenciando por parte do autor um grande conhecimento da scena. São quatro actos movimentados, polvilhados de bom humor, repletos de interesse, o que, para o público lisboeta, é a melhor recomendação.

A empresa de São Carlos caprichou em dar ao «Príncipe João» a maior vida, preenchendo minuciosamente a que nem sempre estamos acostumados, tão de banda é de uso pôr-se entre nós, a pormenorização subsidiária da scena principal.

O borborinho do caos no primeiro acto, o movimento constante de passagem deram ao ambiente uma certa verdade local. Deve ser também mencionado o carinho com que foram cuidados os interiores, sendo muita bizarra a ornamentação do segundo acto.

Escolheu-se para interpretar o protagonista Samuel Diniz, actor inteligente e distinto, duma distinção rígida que nem sempre se acomoda aos papeis que lhe distribuem. Por isso, onde esteve mais à vontade, mais dentro do seu emprego, foi precisamente nos últimos três actos. Pode-se mesmo dizer que o seu trabalho foi apreciabilíssimo, devendo o artista pô-lo entre os primeiros da sua galeria.

De Lucília já não há mais que dizer. De tal forma a sua categoria de artista se prendeu à scena portuguesa dos últimos vinte anos, que as palavras não logram adiantar uma virgula do que está dito a seu respeito. Joaquim Almada compôs um tipo de velho fidalgo retirado do bulício das cidades, com uma bela verdade, com um belo poder de insinuação. Amélia Pereira bem c'vontade. Outro tanto se pode dizer de Seixas Pereira, embora num papel fora do seu género. Mário Santos incarnou optimamente o tipo de cínico. Os outros artistas correctamente. A direcção artística de Lucinda Primorosa.

A tradução fácil e simples ainda que manejando, por vezes, o calão com demasiado descabelamento. Bem sabemos que o original se resente disso, mas na passagem para a nossa língua bem se podiam ter abrandado certas arestas. A correspondência em português do calão francês dá uma sonorância lastimável, em certos casos, há calão e... calão.

No Trindade

«Madame Pompadour» de Leo Fall, tradução de Luís Palmeirim e Barbosa Júnior

Quem disser que a partitura de «Madame Pompadour» é inferior não sabe o que diz. Leo Fall, o autor célebre da «Princesa dos Dólares», deu largas à sua inspiração, pôs mais uma vez em prática as suas grandes faculdades de orquestrador.

O segundo acto é felicíssimo de melodia, o que não quer dizer que os outros valham muito menos. Toda a ópereta está recheada de música da melhor e trabalhada com uma grande perícia. O libreto disparatado sem laivos literários, é uma «massada».

Mas não é um argumento para quem condena a peça, a não ser para uma grande parte do público que não prescinde das

monices de que estão eivadas algumas das óperetas vienenses. Como quer que seja «Madame Pompadour» é uma linda ópereta, do melhor que temos ouvido.

O desempenho foi diligente; devemos contudo confessar que um tanto inferior às exigências da música.

A partitura pede responsabilidades e não é qualquer voz que a canta, por muito aceitável que seja noutras composições. Muito bons todos os cenários de Frederico Aires e Mergulhão. Boa a tradução de Luís Palmeirim e Barbosa Júnior.

N. de B.

Foi adiada a representação da peça «Um inimigo do povo»

Por motivos de ordem interna a Empresa Berta de Bivar-Alves da Cunha vê-se forçada a adiar para data que oportunamente se anunciará a primeira representação da peça «Um inimigo do povo», que hoje devia efectuar-se no teatro Apolo. Por esta razão, a peça «O Saltimbanco», a começar hoje, dará ainda mais umas quatro réctas.

Noticias

Dedicada à colectividade bancária, deve realizar-se no próximo dia 6 de dezembro uma récta, no teatro Politeama, com a representação da peça em 3 actos «Mister Wu», que tão grande sucesso alcançou quando foi levada à scena no teatro Nacional.

Os bilhetes encontram-se desde já à venda.

DENTES ARTIFICIAIS

Extracções sem dor a 15000. Concertam-se dentaduras em 4 horas a 20000. Dentaduras completas sem placa em «cauchú». Consultas das 11 da manhã às 8 da tarde.

MARIO MACHADO

R. Garrett, 74, 1.º (Chiado)

Sociedades de recreio

Grémio Livre dos Funcionários Republicanos.—Afim de se ocuparem da forma como a Comissão Central de Equiparações tem procurado resolver a reclamação que ultimamente lhe foi entregue acerca do aumento de percentagem concedido aos continúos liceais, reúnem-se hoje pelas 20 horas na rua do Mundo, os corpos gerentes deste Grémio juntamente com lo- dos os funcionários a quem o assunto interessa.

Os cantoneiros das Obras Públicas também na

O bispo Cauchon.—As vossas vozes ordenaram-vos essa sortida onde fostes capturada?

Joana Darc.—Na última semana da Páscoa ainda as minhas vozes me disseram que em breve eu seria traída e entregue aos meus inimigos...; mas isso tinha de suceder, que me não admirasse, que recebesse tudo de bom grado...; porque Deus viria em meu auxílio...

Um juiz.—Então essas vozes diziam-vos que serieis prêsã?

Joana Darc., suspirando.—Sim, elas mo diziam há muito tempo...; eu pedia às minhas santas que dessem morrer apenas fosse feita prisioneira, afim de não sofrer por muito tempo...

O Inquisidor.—As vossas vozes indicaram-vos precisamente o dia em que serieis prêsã?

Joana Darc.—Não mo indicaram precisamente; anunciaram-me somente que em breve eu seria traída e entregue aos meus inimigos... Disse isto mesmo à boa gente de Compiegne no dia da sortida.

Um juiz.—Se as vossas vozes vos tivessem ordenado que travasdes batalha diante de Compiegne prevenindo-vos ao mesmo tempo que serieis prisioneira nesse dia, lhes teríeis obedecido, a-pesar-dessa advertência?

Joana Darc.—Teria obedecido a meu pesar, mas não deixaria por modo nenhum de obedecer, quaisquer que fossem as conseqüências...

Um juiz.—Passastes a ponte afim de effectuar a vossa sortida de Compiegne?

Joana Darc.—(cada vez mais cruelmente affectada por esta lembrança).—Isso faz parte do processo?

O bispo Cauchon.—Respondei.

Joana Darc.—(com voz breve e apressada).—Passei a ponte; saí pela passagem do reduto; ataquei com a minha companhia os burguezinhos do senhor de Luxemburgo; repeli-os por duas vezes para os seus enrincheiramentos, e a terceira vez até meio caminho. Então vieram os ingleses, e cortaram-me a retirada. Muitos dos meus soldados queriam fazer-me voltar.

